

ENDIVIDAMENTO FINANCEIRO E FELICIDADE INDIVIDUAL AUTORREPORTADA NO BRASIL

FINANCIAL INDEBTEDNESS AND SELF-REPORTED INDIVIDUAL HAPPINESS IN BRAZIL

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.13059/RACEF.V17I2.1375](http://dx.doi.org/10.13059/RACEF.V17I2.1375)

Bruno Viana Barreto Junior

bruno.junior@ufv.br

Universidade Federal Fluminense

Evandro Camargos Teixeira

evandro.teixeira@ufv.br

Universidade Federal Fluminense

Data de envio do artigo: 21 de Junho de 2025.

Data de aceite: 26 de Maio de 2026.

Resumo: O avanço da sociedade de consumo tem contribuído para o crescimento do endividamento financeiro, fenômeno associado a impactos negativos sobre o bem-estar subjetivo. Este estudo analisa a relação entre endividamento dos indivíduos e de suas famílias e a felicidade autorreportada no Brasil em 2018. Foram utilizados dados da World Values Survey, sétima onda, com estimação de um modelo Probit ordenado. Os resultados indicam que o endividamento está associado a uma menor probabilidade de que o indivíduo se declare “muito feliz”. Essa relação pode ser explicada por alguns mecanismos, tais como aumento do estresse, deterioração do estado de saúde mental, perda de controle financeiro e estigmatização social. Os resultados reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas à educação financeira, prevenção do superendividamento e proteção de populações em situação de risco econômico, contribuindo para a promoção do bem-estar em contextos de crescente instabilidade financeira.

Palavras-chave: Endividamento Financeiro, Bem-Estar, Economia da Felicidade, Probit Ordenado, Brasil.

Abstract: *The rise of consumer society has contributed to the increase in financial indebtedness; a phenomenon associated with negative impacts on subjective well-being. This study analyzes the relationship between individual and household indebtedness and self-reported happiness in Brazil in 2018. Data from the seventh wave of the World Values Survey were used, and an ordered Probit model was estimated. The results indicate that indebtedness is associated with a lower probability of individuals reporting themselves as “very happy.” This relationship can be explained by several mechanisms, such as increased stress, deterioration of mental health, loss of financial control, and social stigmatization. The findings reinforce the need for public policies focused on financial education, prevention of over-indebtedness, and protection of economically vulnerable populations, contributing to the*

promotion of well-being in contexts of growing financial instability.

Keywords: *Financial Indebtedness, Well-Being, Economics Of Happiness, Ordered Probit, Brazil.*

1 INTRODUÇÃO

O endividamento financeiro pode ser entendido como a situação em que um indivíduo ou família assume obrigações de pagamento futuras, contraindo dívidas para financiar o consumo corrente ou saldar compromissos anteriores, o que compromete, parcial ou totalmente, a renda disponível (Lusardi; Tufano, 2015; Drentea; Lavrakas, 2000).

Esse fenômeno tem se tornado cada vez mais recorrente em função do avanço de padrões consumistas nas sociedades contemporâneas (Hillig; Brum, 2010), sendo observado tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento. Na Suíça, por exemplo, Coste, Henchoz e Wernli (2020) apontam elevada proporção de indivíduos com empréstimos e dívidas em atraso. Para o caso brasileiro, dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), por meio da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), indicam que, em 2023, a proporção média de famílias endividadas foi de 77,8%.

O endividamento, especialmente em larga escala, pode acarretar efeitos preocupantes nas condições de vida dos indivíduos e das famílias. Jardim (2022) destaca que o excesso de dívidas está associado a dificuldades financeiras e pessoais, desemprego, perda de controle financeiro, atraso de salários e adoecimento mental. Tunc e Kilinc (2023), por sua vez, mencionam os impactos macroeconômicos do endividamento, como a redução do consumo agregado e o enfraquecimento do ritmo de crescimento econômico.

Gao, Hu e He (2022) ressaltam que o endividamento pode comprometer significativamente o bem-estar da população. O conceito de bem-estar pode ser mensurado de forma objetiva, por meio de indicadores concretos de saúde, renda, moradia, entre

outros; ou subjetiva, a partir da percepção dos próprios indivíduos (Corbi; Menezes-Filho, 2006). A análise subjetiva, centrada na felicidade autorreportada, tem ganhado destaque por captar dimensões emocionais e existenciais que não são plenamente refletidas em métricas objetivas (Aydos; Figueiredo Neto; Teixeira, 2017). A felicidade, nesse sentido, funciona como uma proxy do bem-estar percebido no cotidiano.

A literatura internacional tem avançado na compreensão dos mecanismos pelos quais o endividamento se associa inversamente com a felicidade autorreportada. Entre os principais canais teóricos estão o comprometimento do estado de saúde mental (Sweet et al., 2013; Richardson et al., 2013), a sensação de perda de controle sobre a própria vida (Lusardi; Tufano, 2015), a instabilidade financeira futura (Drentea; Lavrakas, 2000), os valores materialistas que incentivam o consumo como forma de felicidade (Dittmar, 2008; Kasser, 2002) e a estigmatização social associada à inadimplência (Turunen; Hiilamo, 2014).

Estudos empíricos reforçam esses vínculos. Müller, Pforr e Hochman (2021), por exemplo, com dados de vários países europeus, evidenciaram que o endividamento, especialmente quando associado a eventos negativos de vida, intensifica os sintomas depressivos e reduz a felicidade. Já Coste, Henchoz e Wernli (2020) observaram que, na Suíça, o endividamento persistente intensifica o isolamento social e o sofrimento psicológico.

No Brasil, a literatura ainda é incipiente. Silva et al. (2020), por meio de uma revisão teórica, apontaram que o endividamento pode reduzir o bem-estar em função de cobranças recorrentes, pressão social e deterioração do padrão de vida. Em contraste, Vieira et al. (2014), com base em dados do Rio Grande do Sul, encontraram evidências de que o consumo, ainda que financiado, pode elevar momentaneamente a sensação de felicidade entre as pessoas que associam consumo a realização pessoal, o que pode incentivar o endividamento como estratégia de bem-estar ilusório.

No período posterior à pandemia da COVID-19, a relação entre endividamento e bem-estar passou a receber maior atenção na literatura socioeconômica. Choques negativos de renda, maior instabilidade ocupacional e aumento da dependência do crédito ampliaram a vulnerabilidade financeira das famílias, reforçando a relevância de se investigar como o endividamento se associa ao bem-estar subjetivo (Nigatu; Elton-Marshall; Hamilton, 2023).

Algumas evidências indicaram que a deterioração do bem-estar financeiro percebido durante e após a pandemia esteve associada a piores indicadores de saúde mental e satisfação com a vida, tanto em países desenvolvidos quanto em economias emergentes (Ponchio; Rohden; Mette, 2023). Para o caso brasileiro, Araújo et al. (2022) apontaram que a fragilidade financeira, o endividamento e a insegurança econômica apresentam associação significativa com o bem-estar psicológico e a qualidade de vida.

Diante das evidências internacionais e das contradições observadas nos poucos estudos encontrados no Brasil, o presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre o endividamento financeiro dos indivíduos e de suas famílias e a felicidade autorreportada no Brasil, no ano de 2018. Este estudo se diferencia da literatura nacional por utilizar uma base de dados representativa e recente, além de estimar um modelo econométrico adequado à natureza ordinal da variável dependente (modelo Probit ordenado).

Ademais, os resultados obtidos podem orientar políticas públicas voltadas à regulação do crédito, à educação financeira e à promoção de estratégias que visem à redução do endividamento excessivo e à melhoria da qualidade de vida da população brasileira. Além desta introdução, o trabalho está organizado em mais quatro seções: a segunda apresenta as evidências teóricas e empíricas; a terceira descreve os dados e a metodologia; a quarta traz os resultados obtidos; e, por fim, a quinta seção expõe as considerações finais.

2 EVIDÊNCIAS TEÓRICAS E EMPÍRICAS

A relação entre endividamento financeiro e bem-estar subjetivo, frequentemente mensurado pela felicidade autorreportada, tem sido objeto de crescente atenção na literatura internacional e nacional. Em geral, os estudos apontam que o endividamento tende a reduzir os níveis de bem-estar, embora os mecanismos explicativos variem conforme o contexto socioeconômico, o perfil dos indivíduos e a natureza da dívida contraída.

Um dos principais mecanismos discutidos refere-se ao impacto direto do endividamento sobre o estado de saúde mental. Dívidas acumuladas são associadas a maior incidência de estresse, ansiedade, depressão e distúrbios do sono, uma vez que representam uma fonte contínua de preocupação financeira e insegurança. Gao, Hu e He (2022), com base em dados da China, observaram que o endividamento compromete o estado de saúde mental de idosos economicamente vulneráveis. Já Müller, Pforr e Hochman (2021), utilizando a base de dados Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe (SHARE), constataram que indivíduos endividados que vivenciaram eventos negativos recentes, como perdas familiares, apresentaram maior propensão a acometimento por transtorno depressivo e menor satisfação com a vida. Esses resultados estão em consonância com evidências de que o endividamento funciona como um estressor financeiro crônico que compromete o bem-estar emocional (Sweet et al., 2013; Richardson et al., 2013; Zurlo, Yoon; Kim, 2014).

Outro mecanismo amplamente abordado é a perda de autonomia e de controle percebido sobre a vida, que se intensifica em situações de superendividamento. Ferreira et al. (2021) atestaram que a condição de superendividamento está associada a menor bem-estar (satisfação com a vida e bem-estar emocional), e que mecanismos como percepção de controle sobre a vida e bem-estar financeiro ajudam a explicar parte dessa relação. Essa perda de controle está relacionada à impossibilidade de fazer escolhas básicas sobre o consumo, moradia e lazer,

gerando sensação de impotência e frustração (Lusardi; Tufano, 2015).

Adicionalmente, há estudos que discutem o papel da instabilidade financeira futura como mecanismo explicativo. Mesmo entre indivíduos com dívidas administráveis, a incerteza quanto à capacidade de quitá-las no futuro pode reduzir a felicidade autorreportada. O endividamento é visto, nesse caso, como um risco potencial à segurança econômica e à estabilidade familiar, especialmente em contextos de informalidade laboral ou fragilidade das redes de proteção social (Dreentea; Lavrakas, 2000; Norvilitis et al., 2006).

Outra vertente relevante da literatura destaca o endividamento como consequência de valores materialistas e do consumo voltado à busca de status ou pertencimento. Nesse contexto, o endividamento seria um reflexo de padrões culturais que vinculam bem-estar à posse de bens, ainda que financiados a crédito. Vieira et al. (2014), ao analisarem dados de indivíduos residentes no Rio Grande do Sul, constataram que aqueles que associam o consumo à felicidade têm maior propensão ao endividamento, mesmo que os efeitos positivos sobre o bem-estar sejam passageiros. Esse tipo de relação é problemático, pois acarreta dependência psicológica do consumo como fonte de satisfação, muitas vezes, insustentável financeiramente (Dittmar, 2008; Kasser, 2002).

Alguns autores também abordam o papel do constrangimento social e da estigmatização associadas ao endividamento, principalmente em culturas onde a estabilidade financeira é vista como sinal de responsabilidade ou êxito pessoal. Nessa perspectiva, indivíduos endividados tendem a isolar-se socialmente, reduzir interações e sofrer danos à autoestima. O estudo de Turunen e Hiilamo (2014) sugere que o constrangimento público e o receio da exclusão social são fatores importantes para a queda do bem-estar entre endividados, sobretudo em dívidas não planejadas ou de longo prazo.

Para o caso brasileiro, Hillig e Brum (2010) destacam os efeitos do consumismo impulsivo sobre a qualidade de vida, evidenciando que o

excesso de confiança econômica e o fácil acesso ao crédito têm levado famílias à contração de dívidas motivadas por padrões de consumo incompatíveis com seu nível de renda. As principais consequências apontadas incluem aumento da inadimplência, conflitos familiares e desgaste emocional. Esses fatores contribuem para a redução do bem-estar e da satisfação com a vida. Além disso, políticas de ampliação do crédito sem educação financeira adequada podem fomentar o superendividamento e suas consequências emocionais adversas (Banco Central do Brasil, 2020).

Por fim, a literatura também reconhece efeitos indiretos do endividamento sobre o bem-estar, como a deterioração dos relacionamentos familiares, dificuldades de mobilidade social e restrições à educação dos filhos. Em diversos estudos, o endividamento é associado a estratégias de coping disfuncionais, como uso abusivo de substâncias, negligência à saúde ou retração de investimentos em capital humano (Bridges; Disney, 2010; Gathergood, 2012).

Estudos recentes, especialmente no período posterior à pandemia, reforçam a associação negativa entre endividamento e bem-estar subjetivo. Nigatu, Elton-Marshall e Hamilton (2023), ao analisarem o Canadá, verificaram que o aumento do endividamento das famílias durante a pandemia esteve associado a maior probabilidade de sofrimento psíquico, ansiedade e pior estado de saúde mental, com destaque para o papel da insegurança financeira.

De forma complementar, Ponchio, Rohden e Mette (2023), considerando o Brasil, evidenciaram que níveis mais baixos de bem-estar financeiro percebido estão associados a menor bem-estar psicológico, sugerindo que dificuldades financeiras e endividamento elevam o estresse e a sensação de fragilidade econômica. Ainda no contexto brasileiro, Araújo et al. (2022) encontraram que níveis mais baixos de bem-estar financeiro estão associados a menor qualidade de vida e a piores condições de saúde mental, sugerindo que a vulnerabilidade financeira, intensificada em períodos de crise, constitui um canal relevante por meio do qual

o endividamento se relaciona ao bem-estar subjetivo.

No geral, apesar do predomínio de evidências internacionais que associam o endividamento à redução do bem-estar subjetivo, os escassos estudos brasileiros apontam nuances conflitantes. Embora Silva et al. (2020) e Banco Central do Brasil (2020) destaquem os efeitos adversos das dívidas, Vieira et al. (2014) identificam que o consumo financiado pode estar vinculado à felicidade momentânea em determinados contextos.

3 METODOLOGIA

Com o intuito de analisar a relação entre endividamento e bem-estar, representado pelo nível de felicidade autorreportado no Brasil, na primeira subseção é apresentada a base de dados utilizada e na segunda subseção especifica-se o modelo econométrico estimado, assim como são definidas as variáveis utilizadas.

3.1 Dados

Para a consecução do trabalho, foi utilizada a base de dados da World Values Survey (WVS), em sua sétima onda, que ocorreu no período de 2017 a 2022. Especificamente para o caso brasileiro, a pesquisa ocorreu no ano de 2018. A base de dados disponibilizada inclui uma série de características socioeconômicas dos indivíduos de diferentes países, com o intuito de melhor compreender suas crenças e valores, assim como eles se alteram com o passar do tempo a partir das ondas de pesquisa, que ocorrem em períodos específicos (Haerpfer et al., 2022).

Entre as perguntas realizadas pela organização, são abordadas questões que consideram informações demográficas até questões econômicas e subjetivas, tais como valores sociais, corrupção, confiança e associativismo, bem-estar social, estereótipos, segurança, índice de pós materialismo, ciência e tecnologia, valores religiosos, regimes políticos, cultura, ética, participação política, entre outras. Essas informações são captadas periodicamente

e os indivíduos são selecionados de forma aleatória de quase 100 países, garantindo que a amostra seja a mais representativa possível. No caso brasileiro, em 2018, a amostra contemplou 1202 indivíduos.

3.2 Estratégia Econométrica

Para que seja possível analisar a relação entre o endividamento financeiro e felicidade individual autorreportada, utiliza-se o modelo econométrico Probit Ordenado, que é adequado, já que a variável dependente, Nível de felicidade, é categórica ordinal. Nesse sentido, é possível fazer um ordenamento das respostas, sendo que ela assume valor igual a 1 caso o indivíduo se considere “infeliz”, 2 caso ele se considere “não muito feliz”, 3 caso o indivíduo se considere “feliz” e 4 caso ele se considere “muito feliz”.

Formalmente, o modelo pode ser apresentado da seguinte forma:

$$y_i^* = X'_i + W_i + \mu_i \quad (1)$$

onde y_i representa a variável dependente não observada, que nesse caso é o nível de felicidade autorreportado, Nível de felicidade, X_i representa a principal variável explicativa, que nesse caso se refere ao endividamento financeiro, Dívida, e W_i corresponde ao vetor das demais variáveis de controle. Com y_i sendo a variável não observável, se satisfaz as seguintes condições:

$$y = 1 \text{ se } 0 < y^* \leq a_1 \quad (2)$$

$$y = 2 \text{ se } a_1 < y^* \leq a_2 \quad (3)$$

$$y = 3 \text{ se } a_2 < y^* \leq a_3 \quad (4)$$

Logo, é possível escrever tal função probabilística, de forma geral, da seguinte forma:

$$y_i = j \text{ se } a_{j-1} < y^* \leq a_j \quad (5)$$

O modelo econométrico estimado, apresentado por meio da equação (6), levou em consideração a complexidade da amostra por meio do peso disponibilizado na base de dados. As variáveis explicativas tiveram como critério de seleção a literatura concernente ao tema. Ademais, todas as variáveis inseridas na estimação econométrica, referente a equação (6), são apresentadas no Quadro 1 na próxima página.

Quadro 1 - Variáveis utilizadas na estimação do modelo Probit Ordenado

Categoria	Variável	Descrição	Sinal esperado
Variável dependente	Nível de felicidade	Variável categórica ordinal que assume valor igual a 1 caso o indivíduo se considere infeliz; 2 caso o indivíduo se considere não muito feliz; 3 caso o indivíduo se considere feliz; e 4 caso o indivíduo se considere muito feliz.	Variável dependente
Endividamento	Dívida	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 caso a família do indivíduo tenha gastado as economias da família e ainda tenha feito empréstimos; e 0 caso a família tenha guardado dinheiro, ou caso tenha guardado o dinheiro que ganhou, ou caso tenha gastado algumas economias da família.	Negativo, de acordo com Gao, Hu e He (2022); Müller, Pforr e Hochman (2021); Ferreira <i>et al.</i> (2021).
Nível de renda	Classebx_mbx	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o indivíduo se considere pertencente às classes socioeconômicas baixa ou média-baixa; e 0 caso contrário.	Negativo, de acordo com Rodríguez-Pose e Von Berlepsch (2014); Ribeiro e Marinho (2017); Corbi e Menezes-Filho (2006).
Idade	Idade	Idade dos indivíduos	Relação convexa, de acordo com Suliano, Brito e Ribeiro (2021); Corbi e Menezes-Filho (2006); Aydos, Figueiredo Neto e Teixeira (2017).
	Idade ²	Idade dos indivíduos elevada ao quadrado (idade*idade)	Relação convexa, de acordo com Suliano, Brito e Ribeiro (2021); Corbi e Menezes-Filho (2006); Aydos, Figueiredo Neto e Teixeira (2017).
Estado civil	Casado	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 se o indivíduo é casado; e 0 caso contrário.	Positiva, de acordo com Suliano, Brito e Ribeiro (2021); Helliwell e Putnam (2004); Dias, Schumacher e Almeida (2010).
Ocupação	Desempregado	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 se o indivíduo estiver desempregado; e 0 caso contrário.	Negativo, de acordo com Ribeiro e Marinho (2017), Corbi e Menezes-Filho (2006); Rodríguez-Pose e Von Berlepsch (2014).

Continua na próxima página.

Continuação do Quadro 1

Categoria	Variável	Descrição	Sinal esperado
Escolaridade	Ens_sup	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 se o indivíduo possui ensino superior completo; e 0 caso contrário.	Positivo, de acordo com Dias, Schumacher e Almeida (2010).
Religiosidade	Import_Deus	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o indivíduo considere elevada a importância de Deus em sua vida; e 0 caso contrário.	Positivo, de acordo com Rodríguez-Pose e Von Berlepsch (2014); e Ribeiro (2015).
Raça	Branco	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o indivíduo se considere branco ou amarelo; e 0 caso se considere preto, pardo ou indígena.	Negativo, de acordo com Ribeiro e Marinho (2017).
Saúde	Saúde	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 caso o indivíduo considere ter estado de saúde bom ou muito bom; e 0 caso o estado de saúde seja considerado regular, ruim ou muito ruim.	Positivo, de acordo com Ribeiro (2015); e Rodríguez-Pose e Von Berlepsch (2014).
Sexo	Sexo	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 se o indivíduo é do sexo masculino; e 0 caso seja do sexo feminino.	Negativo, de acordo com Dias, Schumacher e Almeida (2010); e Corbi e Menezes Filho (2006).
Localidade	Urbano	Variável <i>dummy</i> que assume valor igual a 1 se o indivíduo reside em ambiente urbano; e 0 caso resida na área rural.	Negativo, de acordo com Ribeiro (2015).
Região	NE	Assume valor igual a 1 se o indivíduo entrevistado reside na região Nordeste; e 0 caso contrário.	Positivo, de acordo com Rehdanz e Maddison (2005); e Frijters e Van Praag (1998).
	CO	Assume valor igual a 1 se o indivíduo entrevistado reside na região Centro-oeste; e 0 caso contrário.	Positivo, de acordo com Rehdanz e Maddison (2005); e Frijters e Van Praag (1998).
	SUD	Assume valor igual a 1 se o indivíduo entrevistado reside na região Sudeste; e 0 caso contrário.	Positivo, de acordo com Rehdanz e Maddison (2005); e Frijters e Van Praag (1998).

Continua na próxima página.

Continuação do Quadro 1

Categoria	Variável	Descrição	Sinal esperado
	NO	Assume valor igual a 1 se o indivíduo entrevistado reside na região Norte; e 0 caso contrário.	Positivo, de acordo com Rehdanz e Maddison (2005); e Frijters e Van Praag (1998).
	SUL	Assume valor igual a 1 se o indivíduo entrevistado reside na região Sul; e 0 caso contrário (referência).	-

Fonte: Elaboração própria.

$$\text{Nível de felicidade} = \beta_0 + \beta_1 \text{Dívida}_i + \beta_2 \text{Classebxb}_i + \beta_3 \text{Idade}_i + \beta_4 \text{Idade}_{2i} + \beta_5 \text{Casado}_i + \beta_6 \text{Desempregado}_i + \beta_7 \text{Ens_supi} + \beta_8 \text{ImportDeus}_i + \beta_9 \text{Branco}_i + \beta_{10} \text{Saúde}_i + \beta_{11} \text{Sexo}_i + \beta_{12} \text{Urbano}_i + \beta_{13} \text{NE}_i + \beta_{14} \text{CO}_i + \beta_{15} \text{SUD}_i + \beta_{16} \text{NO}_i + u_i \quad (6)$$

em que u_i representa um termo de erro aleatório e i representa cada indivíduo considerado na amostra.

No que tange a principal variável explicativa, Dívida, que se refere ao endividamento financeiro dos indivíduos e suas famílias, verifica-se em diferentes trabalhos, tais como Gao, Hu e He (2022), assim como em Müller, Pforr e Hochman (2021) e Ferreira et al. (2021), que o sinal esperado é negativo. Logo, o maior endividamento tende a reduzir o nível de bem-estar, medido pela felicidade autorreportada. No que tange os sinais esperados para as outras variáveis explicativas, estes são apontados no Quadro 1, levando em consideração a categoria com valor mais elevado, 4 (“muito feliz”).

Apesar da adequação do modelo Probit ordenado para a análise de variáveis dependentes categóricas ordenadas, é importante reconhecer limitações associadas às medidas utilizadas. A variável de felicidade é autorreportada e pode refletir heterogeneidades individuais na interpretação da escala, além de vieses de percepção e desejabilidade social.

Da mesma forma, a variável de endividamento empregada constitui uma proxy baseada na situação financeira recente do domicílio, não permitindo distinguir intensidade, tipo ou duração das dívidas. Assim, os resultados devem ser interpretados como associações estatísticas, não como relações causais, uma vez que também podem persistir fatores não observados correlacionados simultaneamente com endividamento e bem-estar subjetivo.

Ademais, para melhor compreender a associação das variáveis explicativas com a probabilidade de os indivíduos reportarem cada uma das quatro categorias relativas ao nível de felicidade autorreportado, são analisados os efeitos marginais, que são passíveis de interpretação estatística.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise Descritiva

Considerando a dimensão amostral de 1202 observações, coletadas a partir da base de dados da World Values Survey para o Brasil em 2018, essa subseção analisa descritivamente as variáveis inseridas nas estimações econométricas. Dessa forma, na Tabela 1 (Estatísticas descritivas), são apresentadas tais variáveis com suas médias, desvios-padrão, além dos valores máximos e mínimos.

Tabela 1 - Estatísticas descritivas

Variável	Observações	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Nível de Felicidade	1202	3,1863	0,6013	1	4
Dívida	1202	0,0906	0,2872	0	1
Idade	1202	43,0116	16,9622	17	89
Classebx_mbx	1202	0,6414	0,4797	0	1
Casado	1202	0,5282	0,4994	0	1
Desempregado	1202	0,1430	0,3503	0	1
Ens_sup	1202	0,1896	0,3922	0	1
Import_Deus	1202	0,7936	0,4048	0	1
Branco	1202	0,4259	0,4946	0	1
Saúde	1202	0,6722	0,4696	0	1
Sexo	1202	0,4592	0,4985	0	1
Urbano	1202	0,8627	0,3442	0	1
NE	1202	0,2487	0,4324	0	1
CO	1202	0,0748	0,2632	0	1
SUD	1202	0,4301	0,4952	0	1
NO	1202	0,0549	0,2278	0	1
SUL	1202	0,1913	0,3935	0	1

Fonte: Elaboração própria.

A partir da referida tabela, é possível observar que a média da variável dependente, referente a felicidade individual autorreportada, Nível de felicidade, apresentou valor igual a 3,18 em um intervalo de 1 a 4, sendo 4 o nível máximo de felicidade. Esse resultado demonstra que os indivíduos brasileiros considerados na amostra reportam um nível de felicidade relativamente elevado.

No que tange a variável referente ao endividamento dos indivíduos e suas famílias, correspondente à variável Dívida, atesta-se que aproximadamente 9,06% dos respondentes se encontram endividados. Referente a idade, a média da amostra analisada foi de 43 anos, aproximadamente. Além disso, a maioria dos respondentes (64,14%) é pertencente às classes socioeconômicas baixa e média baixa, sendo que 14,30% dos entrevistados reportaram estarem desempregados.

Sobre o estado civil e religiosidade, 52,82% são casados e 79,36% consideram elevada a importância de Deus em suas vidas. Além disso, 18,96% possuem ensino superior completo e 67,22% reportam um nível de saúde “bom” ou “muito bom”, 42,59% são brancos e 45,92% são homens. No quesito localidade, observou-se que 86,27% dos indivíduos residem em áreas urbanas. Ademais, ao se analisar as regiões, constatou-se que a maioria dos respondentes reside na região Sudeste (43,01%) e a minoria na região Norte (5,49%).

Adicionalmente, a Tabela 2 (Média de felicidade autorreportada condicional às variáveis explicativas) apresenta a média da variável dependente, relativa ao nível de felicidade autorreportado, condicional às variáveis explicativas. Sendo assim, a média da variável de felicidade autorreportada condicional aos indivíduos e suas respectivas famílias endividados apresentaram valores médios menores quando comparados com os dos não endividados. Esse resultado fornece indícios de que

a hipótese central do trabalho é confirmada, ou seja, o endividamento dos indivíduos e de suas famílias está relacionado a um menor nível de felicidade autorreportado.

Tabela 2 - Média de felicidade autorreportada condicional às variáveis explicativas

Variável	Média (variável explicativa = 0)	Média (variável explicativa = 1)
Dívida	3,1983	3,0642
Classebx_mbx	3,3109	3,1167
Casado	3,1393	3,2283
Desempregado	3,2046	3,0755
Ens_sup	3,1776	3,2227
Import_Deus	3,1204	3,2033
Branco	3,2000	3,1676
Saúde	2,9949	3,2793
Sexo	3,1766	3,1974
Urbano	3,1818	3,187
NE	3,1869	3,1839
CO	3,1868	3,1777
SUD	3,1647	3,2147
NO	3,1802	3,2878
SUL	3,2067	3,0995

Fonte: Elaboração própria

Outrossim, constata-se que, em média, indivíduos casados, com ensino superior completo e com nível de saúde autorreportado “bom” e “muito bom” apresentaram maior nível médio de felicidade autorreportada quando comparados com aqueles solteiros, viúvos e divorciados/separados, com menores níveis de escolaridade e saúde, respectivamente.

Além disso, indivíduos do sexo masculino e que consideram Deus importante em suas vidas, em média, também são mais felizes que aquelas do sexo feminino e com menor nível de religiosidade, respectivamente. No que tange as classes socioeconômicas autorreportadas, ocupação e raça, observa-se que indivíduos pertencentes às classes socioeconômicas baixa ou média baixa, desempregados e que se consideram pretos, pardos ou indígenas, têm, em média, menor nível de felicidade em relação àqueles referentes às classes socioeconômicas mais abastadas, em outras categorias de ocupação e que se consideram brancos e amarelos.

4.2 Resultados Econométricos

Para analisar a relação entre endividamento financeiro dos indivíduos e suas famílias e felicidade individual autorreportada, modelos Probit ordenado foram estimados. Inicialmente, por meio da Tabela 3 (Resultados econométricos), são analisados os coeficientes estimados e seus respectivos sinais para as variáveis explicativas inseridas, considerando-se as categorias da variável de felicidade autorreportada, o que denota a probabilidade de o evento ocorrer, ou seja, de o indivíduo declarar se sentir “muito feliz”, “feliz”, “não muito feliz” ou “infeliz”.

Tabela 3 - Resultados econométricos

Variável	Especificação 1	Especificação 2	Especificação 3
Dívida	- 0,2697** (0,1242)	- 0,2719** (0,1251)	- 0,2584** (0,1264)
Idade		- 0,0285*** (0,0109)	- 0,0297*** (0,0108)
Idade ²		0,0002** (0,0001)	0,0002** (0,0001)
Classebx_mbx		- 0,3352*** (0,0762)	- 0,3335*** (0,0763)
Casado		0,2226*** (0,0720)	0,2445*** (0,0720)
Desempregado		- 0,2613*** (0,0924)	- 0,2613*** (0,0930)
Ens_sup		- 0,0161 ^{NS} (0,0914)	- 0,0161 ^{NS} (0,0921)
Import_Deus		0,2110** (0,0854)	0,2121** (0,0867)
Branco		- 0,1083 ^{NS} (0,0681)	- 0,0534 ^{NS} (0,0734)
Saúde		0,5341*** (0,0813)	0,5409*** (0,0811)
Sexo		0,0010 ^{NS} (0,0682)	0,0037 ^{NS} (0,0685)
Urbano		- 0,0089 ^{NS} (0,0991)	- 0,0020 ^{NS} (0,0996)
NE			0,2070* (0,1115)
CO			0,1991 ^{NS} (0,1464)
SUD			0,2796*** (0,0924)
NO			0,3643** (0,1572)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: *** significativo a 1%; ** significativo a 5%; * significativo a 10%; NS não significativo. Erro padrão entre parênteses.

É importante salientar que na estimação econométrica foram considerados erros padrão robustos e o Teste de Wald validou a adequação do modelo Probit Ordenado nas estimações. Outrossim, três estimações foram realizadas, vide Especificações 1, 2 e 3, com o objetivo de atestar a robustez dos resultados, como pode ser observado na Tabela 3. A primeira estimação se refere apenas a principal variável explicativa, relacionada ao endividamento dos indivíduos e suas famílias. Já a segunda, além da variável referente ao endividamento financeiro, inclui controles adicionais, tais como a idade, a dummy relativa às classes socioeconômicas baixa e média baixa, estado civil, localidade, ocupação, escolaridade, religiosidade, raça, dummy referente ao estado de saúde considerado “bom” e “muito bom”, além do gênero. Por fim, na terceira estimação, são incluídas

todas as variáveis explicativas consideradas no trabalho.

Os resultados encontrados nas três especificações apontaram estabilidade e significância estatística da variável relativa ao endividamento financeiro dos indivíduos e suas famílias, o que comprova a robustez dos resultados. Considerando-se a terceira especificação, modelo completo, cujos resultados são interpretados, todas as variáveis foram significativas a pelos menos 10% com exceção daquelas relativas a conclusão do ensino superior, raça, sexo, área de residência e a dummy relativa a quem mora na região Centro-Oeste.

Na Tabela 4 (Efeitos marginais referentes ao modelo completo), abaixo, são apresentados os efeitos marginais, que propiciam interpretação estatística, relativos à especificação 3 (modelo completo), considerando as quatro categorias de possíveis respostas referentes ao nível de felicidade autorreportado. Para simplificar a análise, são analisados os resultados relativos à categoria com valor mais elevado, 4 (“muito feliz”).

Tabela 4 - Efeitos marginais referentes ao modelo completo

Variável	Categoria 4 (Muito feliz)	Categoria 3 (Feliz)	Categoria 2 (Não muito feliz)	Categoria 1 (Infeliz)
Dívida	- 0,0817** (0,0399)	0,0433** (0,0212)	0,0334** (0,0165)	0,0049* (0,0029)
Idade	- 0,0094*** (0,0034)	0,0049*** (0,0018)	0,0038*** (0,0014)	0,0005** (0,0002)
Idade ²	0,00009** (0,00003)	- 0,00004** (0,00001)	- 0,00003** (0,00001)	- 0,00000* (0,00000)
Classebx_mbx	- 0,1055*** (0,0238)	0,0559*** (0,0135)	0,0431*** (0,0101)	0,0064*** (0,0023)
Casado	0,0773*** (0,0226)	- 0,0410*** (0,0122)	- 0,0316*** (0,0096)	- 0,0047** (0,0019)
Desempregado	- 0,0827*** (0,0294)	0,0438*** (0,0160)	0,0337*** (0,0121)	0,0050** (0,0022)
Ens_sup	- 0,0025 ^{NS} (0,0291)	0,0013 ^{NS} (0,0154)	0,0010 ^{NS} (0,0119)	0,0001 ^{NS} (0,0017)
Import_Deus	0,0671** (0,0272)	- 0,0356** (0,0146)	- 0,0274** (0,0114)	- 0,0041** (0,0019)
Branco	- 0,0169 ^{NS} (0,0232)	0,0089 ^{NS} (0,0124)	0,0069 ^{NS} (0,0094)	0,0010 ^{NS} (0,0014)
Saúde	0,1711*** (0,0248)	- 0,0907*** (0,0142)	- 0,0699*** (0,0119)	- 0,0104*** (0,0032)
Sexo	0,0011 ^{NS} (0,0216)	- 0,0006 ^{NS} (0,0114)	- 0,0004 ^{NS} (0,0088)	- 0,00007 ^{NS} (0,0013)
Urbano	- 0,0006 ^{NS} (0,0315)	0,0003 ^{NS} (0,0167)	0,0002 ^{NS} (0,0128)	0,00003 ^{NS} (0,0019)
NE	0,0655* (0,0352)	- 0,0347* (0,0189)	- 0,0267* (0,0145)	- 0,0040* (0,0023)
CO	0,0630 ^{NS} (0,0462)	- 0,0334 ^{NS} (0,0246)	- 0,0257 ^{NS} (0,0189)	- 0,0038 ^{NS} (0,0031)
SUD	0,0884*** (0,0292)	- 0,0469*** (0,0158)	- 0,0361*** (0,0121)	- 0,0054** (0,0023)
NO	0,1152** (0,0496)	- 0,0611** (0,0264)	- 0,0471** (0,0206)	- 0,0070* (0,0037)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: *** significativo a 1%; ** significativo a 5%; * significativo a 10%; NS não significativo. Erro padrão entre parênteses.

A partir da análise dos efeitos marginais estimados, o presente estudo constatou que o endividamento dos indivíduos e de suas famílias está associado a um menor nível de bem-estar subjetivo, reduzindo em aproximadamente 8,17 pontos percentuais (p.p.) a probabilidade de um indivíduo se declarar “muito feliz”. Este resultado corrobora as evidências encontradas por Coste, Henchoz e Wernli (2020), Gao, Hu e He (2022), Müller, Pforr e Hochman (2021) e Silva et al. (2020), que destacam os efeitos deletérios do endividamento sobre a felicidade individual.

Embora a análise esteja centrada no efeito médio do endividamento, é importante reconhecer que essa associação pode variar entre grupos socioeconômicos. Estudos recentes indicam que restrições financeiras tendem a exercer impacto mais intenso sobre o bem-estar subjetivo entre indivíduos com menor nível de renda, com inserção ocupacional mais instável ou menor capacidade de absorver choques de renda (Araújo et al., 2022; Ponchio; Rohden; Mette, 2023).

Evidências internacionais também sugerem que, em contextos de crise econômica, o endividamento pode afetar de forma desigual grupos mais vulneráveis, refletindo diferenças na resiliência financeira e no acesso a mecanismos de proteção (Nigatu; Elton-Marshall; Hamilton, 2023). Assim, o efeito estimado pode refletir uma média de impactos heterogêneos, potencialmente mais intensos entre segmentos com maior fragilidade econômica.

Essa heterogeneidade pode ser compreendida a partir de alguns mecanismos teóricos. Inicialmente, Gao, Hu e He (2022) observam que o endividamento pode oferecer um alívio momentâneo ao permitir o consumo, mas, com o tempo, tende a se converter em fonte de estresse financeiro e sofrimento psicológico, sobretudo entre idosos e grupos com menor nível de renda. Müller, Pforr e Hochman (2021) argumentam que o endividamento implica o descumprimento de normas sociais internalizadas, gerando sentimentos de vergonha, medo e exclusão social, o que compromete a autoestima e a

integração comunitária dos indivíduos.

Ferreira et al. (2021) reforçam que o superendividamento, caracterizado pelo comprometimento excessivo da renda e pela incapacidade de quitar dívidas, está associado ao adoecimento mental e à redução do bem-estar subjetivo. Nesse sentido, quanto maior o tempo de inadimplência e mais intensa a pressão de credores, mais expressiva tende a ser a queda na felicidade autorreportada (Coste, Henchoz e Wernli, 2020).

No Brasil, esse cenário se torna ainda mais preocupante diante da elevada prevalência de endividamento e inadimplência. De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), divulgada pela CNC (2024), a proporção média de famílias endividadas foi de 77,8% em 2023. O relatório também indica que 12,1% das famílias não terão condições de pagar suas dívidas, com maior incidência nas faixas de renda mais baixas, o que reforça a vulnerabilidade financeira desses grupos.

Essa vulnerabilidade financeira afeta de forma mais intensa os grupos de menor renda, que estão mais expostos ao superendividamento, condição que, como já demonstrado, exerce impactos mais severos sobre o bem-estar subjetivo (Ferreira et al., 2021). Além da escassez de recursos, esses indivíduos enfrentam maiores dificuldades para reorganizar seu orçamento, renegociar dívidas e acessar mecanismos de proteção social.

Nesse contexto, o comportamento consumista observado em grande parte da população brasileira, influenciado pela lógica capitalista e pela ausência de educação financeira, tende a perpetuar ciclos de endividamento. Como destacam Silva et al. (2020), a associação entre consumo e bem-estar é incentivada por padrões culturais e midiáticos, mas seus efeitos são frequentemente ilusórios e insustentáveis. À medida que o tempo passa, o consumo financiado deixa de produzir satisfação e passa a gerar ansiedade e frustração, especialmente diante de cobranças constantes e limitações financeiras.

Vieira et al. (2014) complementam esse argumento ao demonstrar que indivíduos que

associam diretamente consumo à felicidade são mais propensos a se endividar rapidamente, o que compromete sua estabilidade financeira futura mais do que de fato eleve seu bem-estar atual. Assim, mesmo que o consumo inicial proporcione algum ganho de felicidade, os efeitos do endividamento tendem a se sobrepor negativamente no médio e longo prazos.

Por fim, o endividamento não decorre apenas do consumo excessivo, mas também de fatores estruturais como desemprego, queda abrupta da renda, ausência de educação financeira e agravamento de condições de saúde. Estudos recentes indicam que, em contextos de maior instabilidade econômica, dificuldades financeiras persistentes elevam o estresse psicológico e a insegurança quanto à renda futura, ampliando os efeitos negativos do endividamento sobre o bem-estar subjetivo (Araújo et al., 2022; Ponchio; Rohden; Mette, 2023). Resultados da literatura internacional mostram que o aumento do endividamento das famílias em contextos de crise esteve associado a pior saúde mental e menor satisfação com a vida, reforçando que a dívida tende a atuar como fonte contínua de pressão psicológica (Nigatu; Elton-Marshall; Hamilton, 2023; Müller; Pforr; Hochman, 2021).

Com relação às demais variáveis explicativas do modelo completo (Tabela 4), observa-se que indivíduos casados apresentam 7,73 p.p. maior probabilidade de se declararem na categoria mais elevada de felicidade (“muito feliz”), em comparação a indivíduos não casados (solteiros, viúvos e separados/divorciados). Esse resultado é consistente com as evidências de Ribeiro (2015), que sugere que pessoas casadas podem apresentar uma visão mais otimista da vida, refletindo-se em níveis mais altos de bem-estar subjetivo.

Ademais, quanto maior a idade, menor a probabilidade de que os indivíduos reportem um elevado nível de felicidade. Em contrapartida, a idade ao quadrado eleva as chances de que os indivíduos se sintam muito felizes. De acordo com Aydos, Figueiredo Neto e Teixeira (2017), esse seria o comportamento esperado dessas variáveis, pois a influência da idade no nível de

felicidade varia com o tempo, possuindo um formato de “U” durante a vida. Logo, indivíduos tendem a começar a vida com um nível mais elevado de felicidade, que decresce ao longo do tempo. Ao atingirem um determinado nível de maturidade, esse nível começa a subir novamente.

Já para a dummy de ocupação, verificou-se que indivíduos desempregados tendem, em média, a apresentar 8,27 p.p. menor probabilidade de reportarem o nível mais elevado de felicidade, quando comparados com aqueles com emprego remunerado, donas de casa, estudantes e aposentados ou pensionistas. Segundo Corbi e Menezes-Filho (2006), esse resultado pode ser explicado pelo fato de que além do emprego representar fonte de renda para os indivíduos, constitui também uma responsabilidade social, provocando nos indivíduos um sentimento de utilidade nas sociedades em que vivem. Desse modo, o desemprego pode ocasionar sentimentos de baixa autoestima e desutilidade, reduzindo o nível de bem-estar subjetivo.

No que se refere a dummy que analisa a importância de Deus para os indivíduos, atestou-se que os indivíduos que consideram a importância de Deus elevada, tendem a apresentar, em média, um maior nível de bem-estar subjetivo (“muito felizes”) em aproximadamente 6,71 p.p., comparativamente àqueles que possuem menos religiosidade. Esse resultado é similar ao encontrado por Ribeiro (2015), que indica que indivíduos que participam de comunidades que aceitam e entendem suas crenças estão mais propensos a viverem mais satisfeitos e felizes.

No que tange o estado de saúde, indivíduos que apresentam um estado de saúde “bom” ou “muito bom” têm, em média, 17,11 p.p. maior probabilidade de reportarem um nível mais elevado de felicidade em relação aos que possuem piores condições de saúde autorreportada. Nesse sentido, indivíduos que apresentam melhores condições de saúde autorreportada, geralmente, se sentem mais satisfeitos com a vida e com sua rede de relações cotidianas, sendo mais otimistas (Ribeiro, 2015).

No que tange as dummies que representam as regiões do país, todas, com exceção da região Centro-Oeste, possuem significância estatística. Dessa forma, residentes das regiões Nordeste, Norte e Sudeste apresentaram maiores probabilidades de 6,55 p.p., 11,52 p.p. e 8,84 p.p., respectivamente, em apontarem o nível mais elevado de felicidade (“muito felizes”) em relação aos moradores da região Sul. Tal resultado vai ao encontro dos resultados do estudo de Frijters e Van Praag (1998). Os autores concluíram que existe relação inversa entre bem-estar e temperaturas mais baixas, que são verificadas exatamente na região Sul do Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O endividamento financeiro tem se consolidado como um problema crônico nas sociedades contemporâneas, especialmente diante do crescimento do consumo impulsivo, do acesso facilitado ao crédito e da ausência de mecanismos sólidos de educação financeira. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre o endividamento financeiro de indivíduos e suas famílias e o nível de bem-estar subjetivo no Brasil, mensurado pela felicidade autorreportada. Para tal, foram utilizados dados da World Values Survey (WVS), em sua sétima onda, com recorte para o Brasil em 2018, por meio das estimativas do modelo Probit ordenado.

Os resultados indicaram a existência de uma relação estatisticamente significativa e inversa entre o endividamento e a probabilidade de os indivíduos se declararem “muito felizes”. Tal associação decorre de diversos mecanismos já evidenciados na literatura, como o aumento do estresse, da ansiedade, do constrangimento e da sensação de perda de controle, frequentemente associados à experiência de endividamento. Esses fatores tendem a comprometer o estado de saúde mental dos indivíduos, agravando quadros de sofrimento psíquico e contribuindo para o isolamento social, principalmente em contextos de inadimplência prolongada.

Além disso, no que tange os demais controles, verificou-se que indivíduos

pertencentes às classes socioeconômicas baixa e média-baixa apresentam menor probabilidade de reportarem elevados níveis de felicidade. Ademais, estar casado, possuir bom estado de saúde, valorizar a religião e residir nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste do país, comparativamente a morar no Sul, estão positivamente associados ao bem-estar subjetivo. Por outro lado, o desemprego mostrou-se correlacionado de modo desfavorável à felicidade, e a variável idade apresentou relação quadrática, com menores níveis de bem-estar nos extremos etários.

Com base nos resultados, destaca-se a necessidade de políticas públicas voltadas à mitigação do endividamento excessivo, especialmente entre os segmentos mais vulneráveis da população. A ampliação das redes de apoio, a criação de programas permanentes de educação financeira nas escolas e comunidades, e o incentivo à cultura de planejamento orçamentário são medidas fundamentais. Ademais, programas como o “Desenrola Brasil”, que visam à renegociação de dívidas, têm potencial para elevar a renda disponível das famílias superendividadas, contribuindo para a recuperação do bem-estar e para a reintegração financeira e social desses indivíduos.

Entretanto, este estudo possui algumas limitações que devem ser consideradas. A variável de bem-estar subjetivo é autorreportada e pode refletir heterogeneidades individuais na interpretação da escala, além de vieses de percepção. Ademais, a proxy de endividamento utilizada baseia-se na situação financeira recente do domicílio, não permitindo distinguir intensidade, tipo ou duração das dívidas, nem identificar de forma precisa situações de superendividamento. Soma-se a isso o uso de dados de corte transversal, o que impede inferências causais e a análise da dinâmica intertemporal da relação entre endividamento e felicidade.

Diante disso, sugere-se que pesquisas futuras explorem abordagens longitudinais ou com painéis mais completos, que permitam observar os efeitos intertemporais do

endividamento sobre o bem-estar. Além disso, a incorporação de dados sobre a qualidade da educação financeira, o uso de crédito e as estratégias de enfrentamento adotadas pelos indivíduos pode aprofundar a compreensão dos mecanismos envolvidos. Também seria relevante expandir a análise para populações específicas, como jovens adultos, idosos e mulheres chefes de família, cujas experiências com o endividamento podem variar substancialmente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Francisco Bruno de Barros; ROGERS, Pablo; PEIXOTO, Fernanda Maciel; ROGERS, Dênisson. Diversificação de ativos, bem-estar financeiro, qualidade de vida e saúde mental: estudo no Brasil. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 33, n. 90, e1470, 2022. <https://doi.org/10.1590/1808-057x20221470.en>

AYDOS, Leonardo Recena; FIGUEIREDO NETO, Leonardo Francisco; TEIXEIRA, Wladimir Machado. Análise dos determinantes do nível de felicidade subjetiva: uma abordagem local. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, n. 1, p. 137–150, 2017. [https://doi.org/10.20435/1984-042X-2017-v.18-n.1\(11\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2017-v.18-n.1(11))

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Economia Bancária 2020**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2020. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/Documents/reb/boxesreb2020/boxe_3_endividamento_familias.pdf. Acesso em: 23 dez. 2025.

BRIDGES, Sarah; DISNEY, Richard. Debt and depression. **Journal of Health Economics**, v. 29, n. 3, p. 388–403, 2010. <https://doi.org/10.1016/j.jhealeco.2010.02.003>

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor** – Balanço do endividamento e da inadimplência do consumidor brasileiro em 2023. Brasília: CNC, 2024. Disponível em: <https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2024/01/Relatorio-Peic-anual-.pdf>. Acesso em: 06 maio 2024.

CORBI, Raphael Bottura; MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 4, p. 518–536, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-31572006000400003>

COSTE, Thibaut; HENCHOZ, Caroline; WERNLI, Boris. Debt and subjective well-being: does the type of debt matter? **Swiss Journal of Sociology**, v. 46, n. 3, p. 445–465, 2020. <https://doi.org/10.2478/sjs-2020-0022>

DIAS, José; SCHUMACHER, Frederico Ignacio; ALMEIDA, Daniel Souza de. Determinantes da felicidade: dados individuais de Maringá-PR, 2007–2009. **Economia e Tecnologia**, v. 6, n. 1, 2010. <https://doi.org/10.5380/ret.v6i1.27024>

DITTMAR, Helga. **Consumer culture, identity and well-being: the search for the ‘good life’ and the ‘body perfect’**. Hove: Psychology Press, 2008.

DRENTEA, Patricia; LAVRAKAS, Paul Joseph. Over the limit: the association among health, race and debt. **Social Science & Medicine**, v. 50, n. 4, p. 517–529, 2000. [https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(99\)00298-1](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(99)00298-1)

FERREIRA, Mário B.; DE ALMEIDA, Filipa; SORO, Jerônimo C.; HERTER, Márcia Maurer; PINTO, Diego Costa; SILVA, Carla Sofia. On the relation between over-indebtedness and well-being: an analysis of the mechanisms influencing health, sleep, life satisfaction, and emotional well-being. **Frontiers in Psychology**, v. 12, art. 591875, 2021. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.591875>

FRIJTERS, Paul; VAN PRAAG, Bernard Martin Stephanus. Climate and happiness in Russia. **Climatic Change**, v. 39, n. 1, p. 61–81, 1998. Disponível em: <https://dare.uva.nl/search?identifier=a6064231-e52b-4e03-b259-477e73a8998f>. Acesso em: 23 dez. 2025.

GAO, Jun; HU, Hongbo; HE, Hui. Household indebtedness and depressive symptoms among older adults in China: the moderating role of social network and anticipated support. **Journal of Affective Disorders**, v. 298, p. 173–181, 2022. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2021.10.133>

GATHERGOOD, John. Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 3, p. 590–602, 2012. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2011.11.001>

HAERPFER, Christian; INGLEHART, Ronald; MORENO, Alejandro; WELZEL, Christian; KIZILOVA, Kseniya; DIEZ-MEDRANO, Juan; LAGOS, María; NORRIS, Pippa; PONARIN, Eduard; PURANEN, Bi. **World Values Survey: Round Seven – Country-Pooled Datafile Version 5.0**. Madrid, Spain & Vienna, Austria: JD Systems Institute & WWSA Secretariat, 2022. <https://doi.org/10.14281/18241.20>

HELLIWELL, John F.; PUTNAM, Robert David. The social context of well-being. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 359, n. 1449, p. 1435–1446, 2004. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC1693420/>. Acesso em: 23 dez. 2025.

HILLIG, Clayton; BRUM, Andréia Barreto do Nascimento. Repensando o consumismo: uma reflexão sobre a necessidade de um consumo responsável. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 1, n. 1, p. 115–128, 2010. <https://doi.org/10.5902/223611702300>

JARDIM, Eduardo Silva. **Aspectos comportamentais e decisões de consumo em períodos de crise: uma análise descritiva do endividamento das famílias brasileiras durante a pandemia da COVID-19**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/4688/1/MONOGRAFIA_AspectosComportamentaisDecis%C3%B5es.pdf. Acesso em: 23 dez. 2025.

KASSER, Tim. **The high price of materialism**. Cambridge: MIT Press, 2002.

LUSARDI, Annamaria; TUFANO, Peter. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 14, n. 4, p. 332–368, 2015. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-pension-economics-and-finance/article/abs/debt-literacy-financial-experiences-and-overindebtedness/6140546AF9CA1BAC33FAE47F35C5C178>. Acesso em: 23 dez. 2025.

MÜLLER, Nadja; PFORR, Klaus; HOCHMAN, Oded. Double burden? Implications of indebtedness to general life satisfaction following negative life events in international comparison. **Journal of European Social Policy**, v. 31, n. 5, p. 614–628, 2021. <https://doi.org/10.1177/095892872111050505>

NIGATU, Yitayal T.; ELTON-MARSHALL, Tara; HAMILTON, Hayley A. Changes in household debt due to COVID-19 and mental health concerns among adults in Ontario, Canada. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 69, n. 3, p. 774–783, 2023. <https://doi.org/10.1177/00207640221136795>

NORVILITIS, Jill M.; MERWIN, Michael M.; OSBERG, Timothy M.; ROEHLING, Patricia V.; YOUNG, Paul; KAMAS, Michele M. Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 36, n. 6, p. 1395–1413, 2006. <https://doi.org/10.1111/j.0021-9029.2006.00065.x>

PONCHIO, Mateus Canniatti; ROHDEN, Silvana Freire; METTE, Fernanda B. Bem-estar financeiro

percebido como antecedente do bem-estar psicológico: evidências do Brasil. **ReMark – Revista Brasileira de Marketing**, v. 21, n. 5, p. 1631–1676, 2023. <https://doi.org/10.5585/remark.v21i5.21579>

REHDANZ, Katrin; MADDISON, David. Climate and happiness. **Ecological Economics**, v. 52, n. 1, p. 111–125, 2005. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2004.06.015>

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Renda, relações sociais e felicidade no Brasil. **Dados**, v. 58, n. 1, p. 37–78, 2015. <https://doi.org/10.1590/00115258201538>

RIBEIRO, Lilian Lopes; MARINHO, Emmanuel Lima Lins. Gross National Happiness in Brazil: an analysis of its determinants. **Economia**, v. 18, n. 2, p. 156–167, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.econ.2016.07.002>

RICHARDSON, Thomas; ELLIOTT, Peter; ROBERTS, Ronald. The relationship between personal unsecured debt and mental and physical health: a systematic review and meta-analysis. **Clinical Psychology Review**, v. 33, n. 8, p. 1148–1162, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2013.08.009>

RODRÍGUEZ-POSE, Andrés; VON BERLEPSCH, Viola. Social capital and individual happiness in Europe. **Journal of Happiness Studies**, v. 15, p. 357–386, 2014. <https://doi.org/10.1007/s10902-013-9426-y>

SILVA, Adriana Cristina; CORREIA, Diego Sávio; SILVA, Luciana Maria Dias; SILVA, Márcia Athayde Moreira; FERREIRA, Cíntia Rodrigues. Qualidade de vida e endividamento. **Desafio Online**, v. 8, n. 2, p. 353–377, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deson/article/view/9473>. Acesso em: 23 dez. 2025.

SULIANO, Daniel; BRITO, Domingos da Silva; RIBEIRO, Lilian Lopes. Determinantes da felicidade: um estudo comparativo entre o Sudeste e o Nordeste brasileiro. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 57, 2021. <https://doi.org/10.38116/ppp57art6>

SWEET, Elizabeth; NANDI, Arijit; ADAM, Erin K.; MCDADE, Thomas W. The high price of debt: household financial debt and its impact on mental and physical health. **Social Science & Medicine**, v. 91, p. 94–100, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.05.009>

TUNC, Cem; KILINC, Mehmet. Household debt and economic growth: debt service matters. **Open Economy Review**, v. 34, n. 1, p. 71–92, 2023. <https://doi.org/10.1007/s11079-021-09659-x>

TURUNEN, Elina; HIILAMO, Heikki. Health effects of indebtedness: a systematic review. **BMC Public Health**, v. 14, n. 1, p. 489, 2014. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-489>

VIEIRA, Kelmara Mendes; BORGES, Jéssica Mota; MILANI, Bruno. Níveis de materialismo e endividamento: uma análise de fatores socioeconômicos na mesorregião central do estado do Rio Grande do Sul. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 5, n. 2, 2014. <https://doi.org/10.13059/racef.v5i2.68>

ZURLO, Karen A.; YOON, Wookjae; KIM, Hyungsoo. Unsecured consumer debt and mental health outcomes in middle-aged and older Americans. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 69, n. 3, p. 461–469, 2014. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbu020>